

O PEQUENO MUNDO DO RAP: COLONIALISMO CULTURAL E O ERRO DO DISCURSO PIONEIRO

Marcos Roberto Santos Pereira⁴⁷

Resumo: Os paradigmas e critérios de qualidade de um gênero musical são determinados por aspectos socioculturais da maioria dos seus artistas. Assim sendo, o gênero é moldado pelo arcabouço de experiências e cultura desses artistas, e, conseqüentemente, pelo espaço geográfico que torna possível a constituição deste arcabouço. Constatamos isso a partir de gêneros como forró e axé, predominantes no nordeste, sertanejo, predominante no centro-oeste, e o funk, predominante nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Com o rap não é diferente. Desde seu surgimento até os dias de hoje, o rap deixou de ser uma arte marginalizada inserida em um movimento de contracultura para ganhar os palcos dos maiores eventos de música do mundo, as trilhas sonoras dos filmes mais assistidos e algumas das maiores cifras do mercado artístico como um todo. Falar do rap nesses termos, contudo, é apenas meia verdade. Alguns desses dados têm uma âncora geográfica muito bem fincada nas terras da américa estadunidense. Não que não haja artistas de rap brasileiro ricos e largamente reconhecidos, mas a nível mundial, é o rap dos Estados Unidos que apresenta os aspectos citados anteriormente. Daí, contraditoriamente, ou ao menos ironicamente, práticas que podemos chamar de colonialistas começam a se manifestar nas relações dos artistas com o resto do mundo. A mais recente com relação ao Brasil talvez seja a de Tyler The Creator, que utilizou, sem autorização, a música ‘Duplo Sentido’ do Gilberto Gil para a campanha de moda da sua marca. E no âmbito específico da vertente do trap, o artista Comethazine já teve uma discussão com o brasileiro Borges, chegando a afirmar que rap é uma música de língua inglesa, se feito em outra língua não é rap e pediu aos brasileiros que parassem de roubar a cultura. Práticas como essas, contudo, não se restringem a dinâmicas entre países. Dentro do próprio Brasil, elas também se manifestam, e os casos mais comuns são os do pioneirismo autoproclamado. Com ajuda de plataformas de música regidas por algoritmos tão diretos quanto débeis, Ebony, Raffa Moreira e Naio reivindicam o título de pioneiros de algumas vertentes do rap no Brasil. Raffa Moreira e Naio reivindicam, respectivamente, para Guarulhos e para Vitória o marco zero do trap brasileiro. Ebony, por sua vez, já reivindicou o pioneirismo do rap sujo feminino. O que revelam com isso é, antes de tudo, a ignorância da história do gênero do qual fazem

⁴⁷ Discente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito (UFRRJ-PPGF/UFS). E-mail: marcosrsp.philosophia@gmail.com.

parte, mas também a irrelevância e descredibilidade com que enxergam o rap nordestino, cujos artistas produziram primeiro aquilo do qual artistas do eixo Rio-São Paulo proclamaram pioneirismo.

Palavras-chave: Rap; Colonialismo; Nordeste.